

**PARECE  
QUE  
FOI ONTEM**



COLEÇÃO “LITERATURA EM MINHA CASA”  
VOLUME 5 – TEATRO  
CONTOS DE MACHADO DE ASSIS  
ADAPTAÇÃO: MAÍSA ACHÉ

# PARECE QUE FOI ONTEM



Letras & Letras®

© Editora Letras & Letras, 2001  
1ª Edição - Outubro de 2001

#### ADAPTAÇÃO

**MAISA ACHÉ**, formada em Jornalismo pela FIAM e Letras pela USP, cursou também o Teatro Escola Macunaíma e desde 1978 dedica-se ao teatro como autora, atriz e diretora. Em 1986 fundou a Cia. Paulista de Teatro que, desde então produz espetáculos bem elaborados, com temas educativos, sempre procurando levar o teatro até o público. É autora de vários textos sendo que 13 deles já foram montados por companhias profissionais de teatro. Tem ainda 6 adaptações para o teatro de contos e romances e tem publicados 2 de seus textos: "Nem sim, nem não, muito pelo contrário" (1997) e "Parece que foi ontem" (2001), ambos pela Editora Letras & Letras.

#### Equipe de Realização

*Editor:* Carlos José Linardi  
*Supervisão Gráfica:* Waldenes Ferreira Japyassú Filho  
*Assistente Editorial:* Carlos Alberto Carmignani Linardi  
*Revisão:* Luiz Roberto Malta / Peppino D'Ardis  
*Capa:* Freddy Galan

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ACHÉ, Maísa.

Parece que foi ontem: teatro / Maísa Aché; contos de Machado de Assis. – São Paulo: Editora Letras & Letras, 2001. – (Coleção literatura em minha casa; v. 5)

ISBN 85-7527-002-8

1. Teatro brasileiro – Literatura infanto-juvenil I. Assis, Machado de, 1839-1908. II. Título. III. Série.

01-5109

CDD-028.5

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro: Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Teatro: Literatura juvenil 028.5



Atendimento ao consumidor:  
Av. Ceci, 1945 - Planalto Paulista  
Fone: (0xx11) 577-5746 / 5594-2132 / 5581-2183  
Fax: (0xx11) 5594-2111  
CEP 04065-003 - São Paulo - SP  
e-mail: letras@uol.com.br  
site: www.letraseletras.com.br

Colabore com a produção científica e cultural.  
Proibida a reprodução total ou parcial  
desta obra sem a autorização do editor.

## APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A coleção “Literatura em minha casa” é o resultado de uma cuidadosa seleção de livros que a Editora Letras & Letras organizou para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2001 e assim permitir que milhares e milhares de leitores jovens, pelo Brasil afora, possam conhecer exemplos expressivos de diferentes gêneros literários.

São obras de autores brasileiros, como Machado de Assis, Ana Maria Machado e Odette de Barros Mott, às quais a coleção incorpora o clássico “João e Maria”, dos irmãos Grimm e o volume poético **Panos e Lendas** de Vladimir Capella e José Geraldo Rocha.

Os textos foram organizados e preparados visando estimular o gosto pela leitura e incentivar a atividade de representação (no caso do volume de Machado de Assis), o resgate da narrativa indígena sobre a Criação e o tesouro representado pelas cantigas de roda.

A poderosa influência que a televisão exerce até mesmo em distantes recantos do país só pode ser contrabalanceada mediante programas de incentivo à leitura como este em boa hora implementado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, através da atuação de seu Ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Assim, poderão ser preservados em livros valores singelos e autênticos como os do folclore, das cantigas de roda, perdendo-se o sentido do coletivo, do comunitário. Se – inclusive por meio da leitura – não estimularmos desde cedo o interesse pelo

que é nosso, pelo fraterno compartilhar das lendas e coisas nossas, veremos milhões de jovens senhores dos modernos recursos tecnológicos, mas desprovidos de raízes que os prendam ao que é autenticamente nosso, e, ao mesmo tempo, universal.

Aí está nossa proposta de estímulo à leitura: que ela frutifique!

O editor

## APRESENTAÇÃO

*Contos de Machado de Assis*

*Adaptação: Maísa Aché*

“Machado de Assis viveu para a sua obra literária e pela sua obra literária. Foi o homem que acreditou na literatura brasileira, que tomou a sério a função de escrever e foi, acima de tudo, profissional honesto, que fez conscientemente a sua tarefa.”

*Tristão de Ataíde*

Neste trabalho procurou-se aliar o interesse pelo teatro aos contos de Machado de Assis, que, em geral, são menos divulgados que os romances.

Dentre os inúmeros contos por ele escritos, optou-se pelas histórias que oferecessem maior “teatralidade”, possibilitando um texto de teatro dinâmico, sem, contudo, perder o sabor especial da época. Outro requisito básico na seleção dos contos foi a comicidade das histórias, a fim de mostrar esse aspecto da obra de Machado de Assis não tão conhecido do grande público. O humor, aparentemente ligeiro, nos revela uma sátira moral, que não se limita a uma sociedade ou a uma época, mas se estende à própria condição humana.

Machado de Assis é considerado um mestre nos relatos breves, que à primeira vista não parecem mais do que fragmentos de vida que passam. Mas descobre-se, ao final de cada conto, uma vida, um mundo, uma história completa. Transpor alguns de seus contos para o teatro foi uma tarefa rica e fascinante.

A peça *Parece que foi ontem* é apresentada em escolas, pela Cia. Paulista de Teatro e os textos são interligados por uma história em que cinco *clowns*, usando apenas linguagem não-verbal (mímica e pantomina), ao encontrarem um velho álbum de fotografias, reportavam-se aos contos machadianos.

Mas essas ligações entre os textos podem ser feitas da forma que melhor convier a quem for representá-los. Ficam aqui algumas sugestões:

Um grupo de alunos, que precisa fazer um trabalho sobre Machado de Assis, ensaia os contos.

Um grupo de amigos, que foi conhecer os porões do Teatro Municipal, fica preso, e é obrigado a passar a noite lá, entre velhos cenários e figurinos. Sem ter o que fazer, eles passam o tempo representando.

Um jornaleiro do século passado, que vende seus jornais gritando manchetes e trechos de notícias, acaba anunciando os contos de Machado de Assis, que eram publicados nos jornais.







### **A CARTEIRA**

“A carteira” foi publicado no livro *Contos fluminenses* em 1870.

Neste conto o personagem principal confia seu problema diretamente ao público, fazendo dele cúmplice da sua história.



## A CARTEIRA

### ***Personagens:***

**Honório**

**Amélia**

**Gustavo**

**Dona Inocência**

**Dona Cotinha**

**Genoveva**

**Agiota**

**Florista**

**Uma Senhora**

**Honório** — (*entra*) Eu não acredito! 432 mil-réis! Tenho que pagar essa dívida amanhã! (*fala para a platéia*) Ah, meu nome é Honório e eu advogo. Eu tenho que pagar uma dívida amanhã: 432 mil-réis. Não parece grande a dívida, para um homem na minha posição mas...

**Dona Inocência** — (*entrando*) Boa tarde, Dr. Honório.

**Honório** — Boa tarde, minha senhora.

**Dona Inocência** — Como está Dona Amélia?

**Honório** — Muito bem, obrigado.

**Dona Inocência** — Mande minhas lembranças a ela. Diga que eu passo lá qualquer dia... (*Dona Cotinha vai passando e quando vê a outra se esconde atrás*)

*do leque*) Ô, Dona Cotinha! Onde vai com tanta pressa?

**Dona Cotinha** — Boa tarde, Dr. Honório... Boa tarde, Dona Inocência. Estou apressadíssima, vou ao correio postar uma carta! Com sua licença...

**Dona Inocência** — Que bom... Eu vou com a senhora! Até mais ver, Dr. Honório...

**Honório** — Passar bem.

**Dona Inocência** — A senhora viu o que eu vi? (*elas vão saindo*)

**Dona Cotinha** — Não... o quê?

**Dona Inocência** — O papel... (*saem*)

**Honório** — (*para a platéia*) Como eu dizia, não parece grande a dívida para um homem na minha posição, mas é que, no momento, as minhas condições não poderiam ser piores. (*sai*)

**Amélia** — (*entrando*) Genoveva...

**Genoveva** — Senhora... (*entra*)

**Amélia** — Troque as flores do meu quarto.

**Genoveva** — Sim senhora. (*vai sair*)

**Amélia** — Genoveva...

**Genoveva** — (*voltando*) Senhora...

**Amélia** — Antes do jantar, pula bem os talheres.

- Genoveva** — É pra pular o quê?
- Amélia** — É pra você polir bem os talheres, criatura! Pode ir!
- Genoveva** — Ah... pode deixar! Eu vou pular tudo direitinho... (*saí*)
- Honório** — Ah... minha casa! Amélia, minha mulher.
- Amélia** — Ai, Honório, querido... como me aborrece a solidão. Damos um jantar?
- Honório** — (*concorda*) Hum hum... A minha mulher, só a minha mulher, nada mais do que a minha mulher: eis o sonho da minha vida! (*ele sai*)
- Amélia** — Ah!... eu amo o luxo, a vida estrondosa, os teatros, os jantares, os brilhantes... (*ele volta com uma caixa*)
- Honório** — Para você! (*dá a caixa a ela*)
- Amélia** — (*abrindo*) Outro chapéu? (*experimenta*) Quero que todos me invejem... Damos um baile?
- Honório** — (*concorda*) Hum... hum... Amélia... Amélia... você me faz ver estrelas ao meio-dia! (*eles se abraçam e ela sai – entra o agiota*)
- O senhor está louco! Eu não pedi para o senhor não vir a minha casa? Trouxe o dinheiro?

- Agiota** — Assine aqui.
- Honório** — Pronto. Agora vá, antes que alguém o veja.  
*(Honório sai empurrando o agiota – Amélia entra com o nenê no colo, procurando o marido)*
- Amélia** — *(ansiosa)* Honório... querido... Honório querido... Honório!!!  
*(Honório entra acompanhado de Gustavo – eles riem)*
- Gustavo** — ... então eu disse: a vida é um ônibus, cada qual paga a passagem e desce do veículo na primeira cova que encontra. Ora, num ônibus anda-se quieto, deixe-me andar quieto.  
*(os dois riem)*
- Honório** — E o que ele disse?
- Gustavo** — Nada!
- Honório** — Nada?  
*(os dois riem – entra Amélia)*
- Amélia** — O senhor almoça conosco?
- Gustavo** — Aceito porque ainda não almocei, e confesso que não pretendia fazê-lo, por não ter vontade nenhuma. Mas pode ser que a companhia de vocês me abra o apetite. *(ela sai)* Honório, e os negócios?
- Honório** — Negócios???
- Gustavo** — Você agora vai bem, não?

- Honório** — Agora vou! (*Gustavo sai – para a platéia*) Vou mal, isso sim! (*ele sai*)
- Florista** — (*entrando*) Flores... flores... flores moça... (*ela sai*)
- Honório** — Poucas causas, de pequena monta. Por desgraça há pouco perdi um processo em que fundei grandes esperanças. Não só recebi pouco, mas até parece que tirou alguma coisa à minha reputação jurídica. Amélia, minha mulher, não sabe de nada. Não contei nada a ninguém.  
*(Amélia vai passando, com a menina no colo)*
- Amélia** — Honório, segura a menina um pouco?  
*(ele pega a menina e ela sai)*
- Honório** — Dê cá minha pequena! (*abraça a menina*) Ô filhinha... filha... se você pudesse compreender o meu medo do futuro, o horror da miséria. Mas, olhando você, as esperanças voltam com facilidade. A idéia de que dias melhores virão, dá-me conforto para a luta.  
*(ele está emocionado – entra Amélia)*
- Amélia** — O que foi, Honório?
- Honório** — Nada, nada!
- Amélia** — (*saindo*) Não demore, ou atrasamos para o teatro.

- Honório** — Já vou...
- Amélia** — (*de fora*) Honório, o Senhor Gustavo está aqui...
- Honório** — Querida, pegue o meu chapéu e o meu casaco (*para a platéia*) Gustavo... meu bom amigo Gustavo!
- Gustavo** — Honório, você ainda não está pronto? Nós vamos chegar atrasados...
- Amélia** — E depois, vamos ao hotel jantar?
- Honório** — E depois do jantar... mais música.
- Gustavo** — Dona Amélia toca muito bem ao piano as músicas alemãs.
- Honório** — (*a ela*) E Gustavo a ouve com indizível prazer!
- Amélia** — Está bem, mas amanhã jogamos cartas!
- Honório** — Está bem!
- Gustavo** — Vamos?
- Amélia** — Vamos... (*saem Gustavo e Amélia*)
- Honório** — Chapéus... bailes... jantares... tudo isso vai acabar me levando à ruína.
- Florista** — Flores... flores, moço... flores, moça?
- Uma senhora** — (*entrando*) Que lindas flores!
- Florista** — Dois tostões...
- Uma senhora** — Fique com o troco. (*pega as flores e sai*)



- Florista** — Deus lhe ajude, moça... Flores...  
(*entra Honório*) Flores, moço...  
(*ela estende uma flor e ele pega*)
- Honório** — Obrigado!
- Florista** — Dois tostões...
- Honório** — Ah... não quero!
- Florista** — Compre pra me ajudar, moço...
- Honório** — Não, obrigado.
- Florista** — Flores, moço? (*a outra pessoa – ele vê uma carteira no chão e pega*) Se o senhor não dá por falta da carteira, perdia de vez.
- Honório** — É... (*sem graça*)
- Florista** — Flores, moço?
- Honório** — Não, obrigado! (*ele guarda a carteira no bolso e vai sair*) Não... (*para a platéia*) Não pensem mal de mim... Estou no princípio de carreira e todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, a pedir fiado ou emprestado para pagar as más horas. Mas essa dívida é urgente. São uns malditos 400 e tantos mil-réis... O credor não me pôs a faca aos peitos, mas disse-me uma palavra azeda, um gesto mau... Gostaria de pagar-lhe na mesma hora... (*pega a carteira no bolso*) E se não tiver nada, apenas papéis sem

valor pra mim? Será certo utilizar-me do dinheiro, se houver? Não, melhor anunciá-la ou levá-la à polícia. Mas e a minha dívida? E se fosse eu que a tivesse perdido? Ninguém iria me entregar. *(pega a carteira, abre, e fica trêmulo)* Tem dinheiro! Muito dinheiro! *(abre de novo, olha o dinheiro e guarda)* Duas notas de 200 mil-réis, algumas de 50 e 20. Deve ter uns 700 mil-réis ou mais... A dívida paga e mais algumas despesas urgentes. Depois reconcilio-me com a minha consciência! *(abre a carteira e vai contar)* Vou contar... mas... contar pra quê? Não é meu! Bem... vamos! *(conta)* 727 mil-réis. Ninguém viu, ninguém sabe... Talvez a minha boa sorte ou então um anjo... Pena eu não crer nos anjos... *(pega a carteira no bolso, abre, pega o dinheiro, tira da carteira, vai pôr no bolso, mas desiste)* Eu não posso!!! Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro. *(abre a carteira acha alguns papéis e uma carta – ele cheira a carta)* Papéis... uma carta de amor... *(não abre a carta)*... um cartão de visitas... *(lê)* Gustavo!!! *(examina a carteira por fora)* Parece mesmo a carteira dele... *(acha mais cartões)* mais cinco

cartões... não há dúvida: é dele! (*ele fica triste*) Não posso ficar com o dinheiro, porque seria em dano de um amigo. (*guarda os papéis e a carta – para a platéia*) Por um instante eu construí um castelo, mas ele era de cartas... paciência... verei amanhã o que pode ser feito. (*saí*)

(*entram Gustavo e Amélia*)

- Amélia** — E que tal?
- Gustavo** — Excelente! O barítono é que me parecia um pouco cansado.
- Amélia** — Cansada estava era eu!
- Gustavo** — A senhora viu quem estava no segundo camarote da direita? Dona Mariana...
- Amélia** — No cassino é que não a tenho visto.
- Gustavo** — Cada vez mais parece um bicho do mato!
- Amélia** — O Honório está demorando...
- Gustavo** — É verdade!
- Honório** — (*entrando*) Gustavo... querida, desculpe o atraso!
- Amélia** — Com efeito...
- Honório** — Gustavo... escuta... não lhe falta alguma coisa?
- Gustavo** — Nada.

- Honório** — Nada?
- Gustavo** — Por quê?
- Gustavo** — Falta-me a carteira. Você sabe se alguém a achou?
- Honório** — Achei-a eu.  
*(Honório entrega a carteira a Gustavo, que pega desconfiado)*
- Honório** — Que cara é essa? Esse é o prêmio que recebo por restituí-la?
- Gustavo** — Onde você a achou?
- Honório** — Estava a tratar de uns negócios na Rua da Assembléia. Foi lá que a encontrei.
- Gustavo** — Você mexeu nela?
- Honório** — Não... achei teus cartões de visita. Bem, vou mudar de roupa para o jantar. Não demoro...  
*(Ele sai, Gustavo abre a carteira ansiosamente, pega a carta e entrega a ela)*
- Gustavo** — A sua carta!!!  
*(ela pega a carta, nervosa e rasga)*
- Amélia** — Você ficou louco?
- Gustavo** — Louco de amor por você!
- Amélia** — A próxima vez tome mais cuidado!!!  
Vá embora! *(ele sai)* Honório, que-

rido... Você demorou tanto... o senhor Gustavo não pôde esperar...

**Gustavo**

— *(de fora)* Que pena!

**Amélia**

— É realmente uma pena!!!

*(ela sai)*

**FIM**





### *UNS BRAÇOS*

“Uns braços” foi publicado no livro *Várias histórias* em 1896.

Uma narração em “flash back” foi a forma escolhida para contar essa história, que descreve momentos diferentes, num determinado período de tempo, na vida de Dona Severina. Assim ela, já velha, relembra um episódio feliz da sua vida.





## UNS BRAÇOS

**Personagens:**

**Severina 1**

**Severina 2**

**Borges**

**Inácio**

**Severina 1** — A verdade é que nunca esqueci aquele domingo, apesar de ter ficado confusa, aborrecida... o medo de que ele podia estar fingindo.

*(entram os outros três – é hora da refeição)*

Eu tinha uns 27 anos e ele uns 15 ou 16... uma criança, mesmo que entre a boca e o nariz houvesse um princípio de bigode, ele era uma criança. Borges não tinha paciência nenhuma com ele. Fazíamos todas as refeições debaixo de uma trovoada de nomes: malandro...

**Borges** — Cabeça de vento... estúpido... maluco. Onde anda que nunca ouve o que eu lhe digo? Hei de contar tudo a seu pai, para que ele lhe sacuda a preguiça do corpo com uma boa vara de marmelo! Sim... ainda pode apanhar, não pense que não!

**Severina 2** — Chega...

**Borges** — Olhe que lá fora é isso mesmo que você vê aqui. Confunde-me todos os papéis,

erra as casas, vai a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados. É o diabo!!!

- Severina 2** — Todos os dias, na hora do almoço...
- Borges** — É o tal sono pesado e contínuo. De manhã, para que acorde, é preciso quebrar-lhe os ossos. Deixe... amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura!
- Severina 1** — E ia por ali, fuzilando ameaças, mas realmente incapaz de cumprir, pois era antes grosseiro que mau. Inácio sempre comia devagar, não ousando olhar outra coisa que não os quadros da parede. Mas quando punha os olhos nos meus braços, parecia que esquecia de si e de tudo. Eu sentia que eles eram o objeto da vida do rapaz, que parecia viver só para olhá-los. Mas a culpa não era minha. Eu os trazia assim, constantemente à mostra, não por faceira, mas porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. Meus braços eram bonitos, macios, brancos. Ele parecia admirar-se de o ar não fazer mal a eles.
- Borges** — Homem, esse café não acaba mais?  
(*ele acaba o café; ela pega a xícara e sai; Borges sai do outro lado*)
- Inácio** — Deixa estar, um dia eu fujo daqui e não volto mais! Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, cinco semanas de silêncio, porque eu só falo uma vez ou outra na rua. Aqui... nada! (*se anima*)

Vou escrever à minha mãe, saber das minhas irmãs... (*desanima*) Mas o que eu vou contar, se todos os dias, há cinco semanas, eu saio de manhã com o solicitador, ando por audiências e cartórios, corro levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. Volto à tarde, janto, fico no quarto até a hora da ceia, ceio e vou dormir... (*se anima*) Eu posso escrever que da minha janela eu vejo o mar... as gaivotas que fazem grandes giros no ar, ou pairam em cima d'água. (*pega papel e pena*) Mãe. Tenho vontade de ir embora daqui... Mas também tenho vontade de ficar!!! Sinto-me agarrado, acorrentado pelos braços de Dona Severina. Eu agüento toda a trabalhadeira, toda a melancolia da solidão e toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver três vezes ao dia, os braços dela. Mas eu não posso escrever isso para minha mãe! É melhor falar das gaivotas.

(*ele pega o papel, a pena e sai – Severina 2 entra com uma costura*)

**Severina 1** — Não sei bem como foi que eu comecei a desconfiar que o rapaz estava apaixonado por mim. Primeiro eu rejeitei a idéia. Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. (*entra Borges – Severina 2 está distraída*)

- Borges** — O que é que você tem?
- Severina 2** — Não tenho nada.
- Borges** — Nada? Parece que em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remédio para tirar o sono dos dorminhocos...
- Severina 2** — Eu estava pensando na comadre Fortunata. Não a visitamos desde o Natal! Por que não vamos lá uma noite dessas?
- Borges** — Eu ando muito cansado. Trabalho como um negro, não estou para visitas de palavra. A comadre... o compadre... e aquele afilhado... Já tem dez anos e não vai ao colégio!!! Eu, com dez anos, já sabia ler, escrever e contar, não muito bem, mas sabia. Há de ter um bonito fim: um vadio!!!
- Severina 2** — Coitados! O compadre é um caipora, um azarado... e a comadre é...
- Borges** — Estou muito cansado... já acenderam o lampião de gás da rua... vou deitar... (sai)
- Severina 1** — E por que ele não poderia estar apaixonado por mim? Eu era tão bonita!
- Severina 2** — É melhor contar tudo a ele e ele que mande o fedelho embora! Mas o que é tudo? Não há mais do que suposição, coincidência e possivelmente ilusão...
- Severina 1** — Não, não... ilusão não era! As atitudes de Inácio, o acanhamento, as distrações e ... os seus olhos nos meus braços...

- Severina 2** — Melhor averiguar bem a realidade das coisas. Seria mau acusá-lo sem fundamento. (*ela sai*)
- Severina 1** — E eu passei a observar o rapaz e percebi que sim, que era amada e temida. Um amor adolescente, sufocado pelas convenções sociais e pelos sentimentos de inferioridade, mas concluí que era melhor não contar nada ao Borges. (*entram os três*) Um dia, era domingo, tínhamos acabado de almoçar. Borges contou uma coisa engraçada e todos rimos. Era a primeira vez que ríamos, os três à mesa. E eu vi que a boca de Inácio, tão graciosa estando calada, não o era menos quando ria.  
(*eles tomam café*)
- Borges** — Bem, vou até a casa do Alvarenga, na Rua das Mangueiras.
- Severina 2** — Você volta para...
- Borges** — Não antes das três horas.  
(*ele sai – Inácio entra com um copo na mão*)
- Severina 2** — Inácio, não beba água fria depois do café quente.
- Inácio** — Sim, senhora. (*ela pega o copo*)
- Severina 2** — Não saia sem agasalho... o ar está frio.
- Inácio** — Eu não vou sair, não senhora. Vou para o meu quarto. (*ele sai*)
- Severina 1** — Eu parecia fora do natural, inquieta, quase maluca. Eu sonhara de noite com ele.

- Severina 2** — Inácio comeu tão pouco, está com ar abatido. Será que está doente? Pode ser que esteja muito mal. Vou até o quarto dele... (*vai sair, mas recua*) Não! Melhor não!  
(*ela sai para o outro lado – Inácio entra com uns folhetos*)
- Inácio** — Dormi tão mal essa noite... Esses folhetos ajudam a passar o tempo e custam apenas um tostão no Largo do Paço (*escolhe um*) Esse deve ser bom: “A princesa megalona”. (*ele começa a ler*) Que engraçado! Por que será que todas as heroínas dessas histórias são a cara de Dona Severina? Todas elas... todas... (*ele adormece*)
- Severina 1** — Parecia que o sono acentuava a adolescência de Inácio. Mas a verdade é que a figura do rapaz andava-me diante dos olhos como uma tentação diabólica.  
(*entra Severina e vê o menino*)
- Severina 2** — (*chama baixinho*) Inácio...
- Severina 1** — Parecia que o meu coração ia sair pela boca.
- Severina 2** — (*olha para ver se não vem ninguém*) Será que ele está sonhando comigo? (*ela toca nele e recua – barulho – ela olha para ver o que é*) Foi o gato que... (*vê que ele não acordou – chama baixinho*) Inácio...
- Severina 1** — Ele tinha sono pesado de criança! Continuava a dormir e talvez... sonhar... Tal-

vez nos sonhos dele, eu saísse da parede e ficasse ali, em pé, risonha... e ele olhava meus braços...

*(ela afaga os cabelos dele, ele se mexe, ela se assusta, mas não sai – continua acariciando o menino até beijar Inácio)*

**Severina 2** — O que eu fiz? *(ela se apavora e sai correndo)*

**Severina 1** — Eu beijei o rapaz e fugi apavorada. O medo de que ele podia estar fingindo que dormia... Mas o medo foi passando e o vexame ficou e cresceu. Mas o menino dormiu muito ainda e acordou lépido.

*(Severina 2 está espreitando)*

**Inácio** — Puxa... que sensação boa... como podem os sonhos fazer a gente se sentir tão bem... Pena que foi só um sonho...

*(entram Severina e Borges – ela está com um xale que cobre os braços – ela ser-ve o café)*

**Severina 1** — Ele estava tão distraído, tão risonho, que nem notou o xale, que cobria meus braços. *(ele sai)* Eu pedi ao Borges que o mandasse de volta à família, alegando que o menino vivia infeliz e ele insatisfeito.

**Borges** — Eu já mandei dizer ao pai que não posso ficar com ele.

**Severina 2** — Ótimo!!! *(ele sai)*

*(Inácio entra com uma mala)*

- Borges** — Quando precisar de mim para alguma coisa, procure-me.
- Inácio** — Sim, senhor.
- Borges** — Tome! (*dá um dinheiro a ele*)
- Inácio** — Obrigado!!! A senhora Dona Severina...  
(*ela está espreitando*)
- Borges** — Está lá para o quarto, com muita dor de cabeça. Venha amanhã ou depois despedir-se dela.  
(*eles saem, ela entra, tira o xale e sai*)
- Severina 1** — Inácio saiu sem entender nada. Não entendeu a despedida, nem o xale, nem nada. Ele nunca voltou para se despedir, mas durante anos eu senti na boca o gosto daquele beijo... e nunca mais achei sensação igual àquela... daquele domingo, que eu nunca mais esqueci.  
(*ela sai*)

**FIM**





### *UMA CARTA*

“Uma carta” foi publicado no livro *Contos fluminenses* em 1870.

A escolha deste conto deveu-se ao fato de ser bastante representativo da fase romântica do autor. Além disso apresenta um painel dos costumes e valores da época, bem como a condição da mulher nessa sociedade e nesse tempo.



## UMA CARTA

### **Personagens:**

**Titina**

**Mariana**

**Dora**

**Mãe (em off)**

**Noivo**

*(Dora entra cantarolando)*

**Titina** — *(de fora)* Dora... Dora, venha me ajudar...

**Dora** — Já vou!

**Titina** — *(entrando)* Dora, eu estou chamando há meia hora... com esse calor...

**Dora** — Titina achou as rendas que saiu para comprar?

**Titina** — Não! Andei por toda a Rua do Ouvidor e não achei foi nada!

**Dora** — Sabe quem esteve aqui? Dona Sofia. Ela veio encomendar um vestido pra Nhá Heleninha...

**Titina** — Ai... Elas são tão exigentes, não é, Dora?

**Mãe** — *(de fora)* Celestina é você?

**Titina** — Sou eu, mãe.

**Mãe** — Você entregou o vestido?

**Titina** — Entreguei, mãe.

**Mãe** — E ela pagou?

**Titina** — Pagou tudo direitinho.

**Mãe** — Doralina.

**Dora** — Senhora.

**Mãe** — Traga o dinheiro.

**Dora** — Titina... o dinheiro.

**Titina** — Dora... ponha isso em cima da minha cama... e isso na minha penteadeira! Eu tenho que terminar hoje o véu da filha da baronesa...

**Dora** — Está bem... (*e sai*)  
*(Titina vai começar a costurar quando acha uma carta em sua cesta de costura)*

**Titina** — Quem será que... (*vê que o envelope não está subscriptado*) Quem terá posto essa carta aqui? Provavelmente a Dora. (*abre e lê*)  
 “Mais uma vez tenho passado pela rua, sem que a senhora me dê a esmola de um olhar”. Quem será o autor??? Como posso saber se ele mesmo diz que eu não lhe dei a esmola de um olhar? “Os seus olhos, lindos como as estrelas do céu, são para mim as luzes da existência...” (*ela se olha no espelho*) “Perdoe-me a audácia...” – perdão – “...mas não posso mais resistir ao desejo de abrir-lhe meu coração”. Abre... abre o seu coração!!! “Há muito tempo suspiro por pedir-lhe que me faça o ente mais feliz do mundo”. Casar!?!? Aos 39 anos, pobre e solteira, não contava que ninguém mais se enamorasse de mim!  
 “Se não me ama como eu a amo, creia que morrerei de desgosto”. Não!!! Não morra...

pelo amor de Deus, não morra. Não tenho a menor lembrança que possa me levar ao autor da carta! Vou perguntar a Dora quem... Não... arriscaria a minha autoridade. Mas por outro lado, se me calar, arrisco o namorado, que, não tendo resposta, pode se desesperar e ir embora, ou até... morrer! Não... *(tem uma idéia)* Minha irmã, Joaquina, podia dar-me conselho! Apesar de ter vinte anos, é pessoa de muita gravidade. *(chama)* Joaquina...

**Joaquina** — *(de fora)* Já vou!

**Titina** — Não sei... na verdade ela podia ser minha filha. E nunca, entre nós, trocamos confidências de namoro.

**Joaquina** — *(entrando)* O que é?

**Titina** — Joaquina, queria consultar você sobre uma coisa... *(nervosa)*

**Joaquina** — Que coisa? *(Titina está esquisita)*. Que é que você quer? Diga! Ah! Já adivinhei!

**Titina** — *(assustada)* O que é?

**Joaquina** — É sobre o vestido de noiva da filha da baronesa!

**Titina** — Bem... *(hesitante)* ... é!

**Joaquina** — Eu vou buscar. *(Joaquina sai)*

**Titina** — Como sair dessa dificuldade? Primeiro procurarei descobrir a pessoa que me mandou a carta. Falarei com Dora, depois eu falo com Joaquina...

*(Joaquina e Dora entram com o vestido)*

**Joaquina** — Aqui está o vestido!

**Titina** — Ai, Dora... esse vestido de noiva está tão bonito!!!

**Dora** — Está uma belezura!

**Titina** — Joaninha, você não vai à janela hoje?

**Joaninha** — Vou... vamos?

**Titina** — Vamos!

**Dora** — Tão cedo?

**Titina** — Cedo é, Dora?  
(*Titina se arruma*)

**Dora** — Ir à janela mais cedo e mais enfeitada... o que aconteceu, Titina?

**Titina** — Nada!  
(*elas vão à janela, passam pessoas, elas cumprimentam*)

**Joaninha** — Titina não está tão distraída hoje!

**Titina** — Olha... parece que lá vai a família do Alvarenga.

**Dora** — Seu Alvarenga... Seu Alvarenga. E a menina, melhorou da catapora? Mande lembranças à Dona Mimi!  
(*abanam as mãos*)

**Joaninha** — Dora, Titina não tira os olhos da rua, será algum princípio de namoro?

**Dora** — Tomara!!!

**Titina** — Aquele não é o Dr. Norberto?

**Dora** — Ele está cada dia mais bonito!  
(*As duas cumprimentam; Titina se debruça na janela*)

**Dora** — Titina, assim vai cair da janela...  
(*ela se recompõe*)

**Mãe** — Doralina... o que é que as meninas estão fazendo?

**Dora** — Estão na janela espiando.

**Mãe** — O quê?  
(*as duas olham feio pra ela*)

**Dora** — Estão na varanda costurando!

**Titina** — Dora!!!

**Joaninha** — Titina!!! (*vê alguém*)

**Titina** — O que é, Joaninha?

**Joaninha** — Olhe... que belo rapaz...

**Titina** — (*apavorada*) Onde?

**Joaninha** — Na esquina. (*Titina está alvoroçada*) Ele não tira os olhos daqui.

**Titina** — Já está meio escuro...

**Joaninha** — Não tanto que encubra a gentileza dele. Ele vai nos cumprimentar...  
(*Elas cumprimentam o rapaz e Titina, em pânico, sai da janela*)

**Titina** — Ele se foi?

**Joaninha** — Foi até o fim da rua... atravessou... vem voltando pelo lado de cá... vem lento, ele está evidentemente abalado. Olhou para cá. Titina, venha ver!!!

**Titina** — Não posso.

**Joaninha** — Ele olha ora pro chão, ora pra cá. (*Titina corre à janela, está fora de si*) Lá se vai ele... um belo rapaz! (*Joaninha sai da janela*)

**Titina** — Lá se vai ele... Tem uns olhos...

**Joaninha** — Titina, vamos ler um pouco?

- Titina** — (*alegre*) Estou muito cansada... eu vou deitar...
- Joaninha** — Bom... boa noite, Titina. (*sai*)
- Titina** — Boa noite.
- Dora** — (*entrando*) Olha o chazinho...
- Titina** — Não, Dora, obrigado... Eu vou me recolher!
- Dora** — Então eu vou levar pra sua irmã. Boa noite!
- Titina** — Ah... Eu não vou conseguir dormir... Eu fecho os olhos e vejo os olhos dele... ele, meu apaixonado, meu namorado, meu noivo! Eu não posso mais perder tempo. Amanhã mesmo eu vou escrever uma resposta e dar a Dora para que a entregue... Eu não vou conseguir dormir!  
(*sai e quase bate em Dora*)
- Dora** — Valha-me Deus!!! Titina está tão estranha... Ela não está como de costume. Não tirou os olhos da rua. Abaixo e acima. Seguiu todos com olhar inquieto e esperançoso. Está alegre... pensativa. Acho que Titina viu passarinho verde.  
(*ela sai, Titina entra lendo a carta, beija-a e guarda*)
- Titina** — Eu sabia que não ia conseguir dormir! Desde os treze anos que a idéia de casar entrou na minha cabeça, mas já tinha perdido todas as esperanças. E se ele receber a resposta e tornar a escrever? Aí ele pede autorização para solicitar a minha mão. E eu me casarei... Será uma festa brilhante... Ele deve ser maravilhoso, meigo... gentil... bonito...



*(ela começa a cochilar e a sonhar com o noivo)*

**Noivo** — *(entrando)* Mais uma vez tenho passado pela rua sem que a senhora me dê a esmola de um olhar... Seus olhos, lindos como as estrelas do céu, são para mim as luzes da existência... Há muito tempo suspiro por pedir-lhe que me faça o ente mais feliz do mundo... Se não me ama como eu a amo, creia que morrerei de desgosto! *(sai)*

**Dora** — *(de fora)* Titina... Titina... *(entrando)* Vosmecê dormiu sentada?

**Titina** — O quê... *(acordando)* Dora, o que é que você quer?

**Dora** — Titina...

**Titina** — *(muito nervosa)* O que é? *(Dora hesita)* Vamos... fala...

**Dora** — Titina, você achou uma carta na sua cesta de costura?

**Titina** — *(alvorçada)* Sim, achei!!!

**Dora** — Vosmecê me perdoa, mas a carta era para a sua irmã, Joanhinha...

*(Titina entrega a carta e sai chorando. Dora sai cantarolando)*

**FIM**





### *HISTÓRIA DE UMA FITA AZUL*

“História de uma fita azul” foi publicado no livro *Contos fluminenses* em 1870.

Esta história se passa em vários locais diferentes. Para facilitar a encenação, optou-se por levar ao personagem principal os outros personagens em seus respectivos ambientes. O cenário não é definido.



## A HISTÓRIA DE UMA FITA AZUL

### *Personagens:*

**Gustavo**

**Mariana**

**Amigo**

**Avó (D. Leonardo)**

**João (criado)**

**Velha**

**D. Creuza**

**Alvarenga**

*(Mariana e a avó conversam)*

**Avó** — A culpa é sua! Quem há de querer casar com uma estouvada desse gênero, que nem bem acabou um namoro, já começa outro!

**Mariana** — Ah, vovó...

**Avó** — Meu defunto marido foi meu primeiro e último namoro. Vi-o num dia de entrudo e casamo-nos logo depois da Páscoa.

*(entram Gustavo e o amigo) (as cenas são paralelas)*

**Amigo** — É verdade que você está de namoro com a neta de Dona Leonarda, a viúva do major?

**Gustavo** — A mais pura verdade.

**Amigo** — E você a ama?

**Gustavo** — Amamo-nos, se assim se pode dizer, de um capricho começado num baile e não sei se destinado a morrer numa corrida.

(*Avó e Mariana*)

- Avó** — Hoje as moças gostam de andar de namoro, sem acabar por escolher um. Por isso, muitas ficam para tias.
- Mariana** — Sim, vovó...
- Avó** — Uma moça deve apenas olhar para o namorado. Escrever-lhe já é atrevimento e profunda imoralidade.
- Mariana** — Ah, vovó... (*ela sai*)  
(*os dois rapazes*)
- Gustavo** — No curto espaço de três meses, já trocamos cinquenta cartas, todas cheias de protestos de amor até a morte.
- Amigo** — Você já lhe disse que ela é o anjo com que você sonhou durante toda a vida?
- Gustavo** — Está claro que já.
- Amigo** — E a quantas outras moças já havia feito essa revelação?
- Gustavo** — Doze... não... treze!
- Amigo** — Gustavo!!! (*saem os dois*)
- Avó** — De todos os namorados de Marianinha, o bacharel Gustavo é o que mais adequado me parece. Desejava, e muito, que este casamento se fizesse... quem sabe...  
(*Gustavo e Mariana entram – um de cada lado*)
- Gustavo** — Marianinha...
- Mariana** — Gustavo!!! Tenho uma coisa pra lhe dar.
- Gustavo** — Ah, o que é?
- Mariana** — Adivinhe.

**Gustavo** — Não posso adivinhar.

**Mariana** — Ah... adivinhe...

**Gustavo** — Um par de botões?

**Mariana** — Não.

**Gustavo** — Uma flor?

**Mariana** — Não.

**Gustavo** — Ah, não posso...

**Mariana** — Ora... (*pega a fita*)

**Gustavo** — Bonito!!! (*lê os nomes bordados*) Gustavo e Mariana...

**Mariana** — É uma lembrança para não esqueceres de mim.

**Gustavo** — Oh, querida! Pois eu nunca hei de esquecer-me de você. Não é você o anjo com que sonhei durante toda a vida? (*ele beija e guarda a fita no bolso*) O que lhe darei eu para que não esqueça de mim?

**Mariana** — Nada!

**Gustavo** — Ama-me então como sempre?

**Mariana** — Como sempre! (*ela sai – entra o amigo*)

**Gustavo** — Ela é muito graciosa. Com o tempo teve o condão de insinuar-se no meu coração.

**Amigo** — Esse namoro já dura mais tempo que os outros.

**Gustavo** — Começou por brinquedo e acabou sério.

**Amigo** — Mariana é uma moça um tanto caprichosa... mas o coração é excelente, como a avó!

**Gustavo** — Isso é o essencial. Capricho são flores pró-

prias da idade. E quaisquer que fossem os seus defeitos... eu... eu...

**Amigo** — Você se casaria com ela!!! (*rindo da cara dele*) Pouco a pouco você foi-se sentindo preso nas mãos da moça, de maneira que o casamento, coisa em que você nunca pensou, surge-lhe no espírito como a coisa mais desejável!

**Gustavo** — Desejável e indispensável. Afinal, devo acabar casando, e mais vale que seja com uma boa menina como aquela, alegre, afetuosa, educada... Farei dela uma verdadeira esposa!

(*amigo sai – entra a avó*)

**Gustavo** — Farei dela uma verdadeira esposa, Dona Leonarda!

**Avó** — (*eles se abraçam*) Estamos em outubro, em novembro vocês poderão estar unidos e felizes! (*chama*) Marianinha, minha querida! (*ela entra*) Conversa à vontade com o seu noivo! (*sai*)

**Mariana** — O que foi que ela disse?

**Gustavo** — Casamos em novembro!!! (*os dois se abraçam*)

**Mariana** — Gustavo!

**Gustavo** — Eu já imaginei um plano de vida: no ano que vem serei deputado, logo mais presidente da província, e, um dia alguma coisa mais. Imagino um filhinho... (*ela fica sem graça*)... uma casa cercada de laranjeiras... (*os dois se abraçam*)



- Mariana** — Será o paraíso! Gustavo... onde está a fita azul bordada que lhe dei?
- Gustavo** — Fita?
- Mariana** — Passaram-se seis meses desde a data que lhe dei. Naturalmente não sabe onde a pôs! (*azedada*)
- Gustavo** — Ora... Marianinha...
- Mariana** — Talvez a lançasse à rua...
- Gustavo** — Que idéia!
- Mariana** — Estou a ler isso em seu rosto!
- Gustavo** — Impossível! A fita está lá em casa.
- Mariana** — Pois bem, veja se a traz amanhã.
- Gustavo** — Amanhã?
- Mariana** — Perdeu-a, já sei.
- Gustavo** — Oh, não! Amanhã trago-lhe a fita!
- Mariana** — Jura?
- Gustavo** — Que criancice... Juro! (*Mariana sai*) E agora... a fita, a fita... queria ao menos ter certeza que a acharia aqui em casa. (*ele procura*) Ah... daria cem... não, duzentos mil-réis para poder ter a fita aqui mesmo, no bolso! (*ele procura – entra João*) Procura, João, procura!!! (*eles procuram*) Essa fita obstina-se em não aparecer. Me acho na situação de um homem que deitasse numa cama de espinhos. João... e aí?
- João** — Nem notícia dessa fita azul. Senhor, já é madrugada!

- Gustavo** — E a fita não deu nem sinal de si. (*João sai*)  
A minha esperança se dissipa como fumo...  
(*entra o amigo*)
- Amigo** — Que pode resultar daqui? Zanga-se a moça durante algumas horas, mas creio poder afirmar que nenhuma noiva deixou de casar, por causa de um pedaço de fita!
- Gustavo** — Fico mais consolado.
- Amigo** — Vai... vai vê-la!  
(*amigo sai, Gustavo está mais feliz; Mariana entra*)
- Mariana** — Perdeu-a?
- Gustavo** — Não! Naturalmente está muito bem guardada, mas creio que...
- Mariana** — Quero a fita dentro de três dias. Se não a trouxer, não me caso.
- Gustavo** — Mas... Marianinha...
- Mariana** — A fita, dentro de três dias! (*e sai*)
- Gustavo** — Por tão pequena causa vejo perdido o meu futuro! Quem mandou ser tão pouco zeloso com um mimo dado de tão boa feição! A verdade é que eu, ainda nesse tempo, não tinha no coração o que agora sinto... Parece que, se não casar com ela, inevitavelmente irei ter à cova!
- João** — (*entrando*) Meu amo chegaria a tirar a fita da algibeira do paletó?
- Gustavo** — (*ríspido*) Naturalmente. (*pensa*) Não me lembro se tirei, mas é provável que sim.

- João** — É que... meu amo deu-me um paletó e pode ser...
- Gustavo** — (*animado*) João!!! Você veio salvar-me! Onde está o paletó?
- João** — O paletó?
- Gustavo** — Sim. O paletó! Diga! Fale!
- João** — Há uns tempos, uns amigos convidaram-me para uma ceia. Eu nunca ceio, mas havia galinha...
- Gustavo** — E o que tem o paletó com a galinha?
- João** — Havia galinha, mas não havia vinho.
- Gustavo** — Mas e o paletó?
- João** — Faltava algum dinheiro e eu, sem saber que uma lembrança se guardava pra sempre...
- Gustavo** — Acaba, demônio!
- João** — Vendi o paletó!
- Gustavo** — (*desanimado*) Valia a pena fazer-me perder tanto tempo, para chegar a esta conclusão? Estou quase certo que a fita estava no bolso desse paletó...
- João** — Nem tudo está perdido... talvez o homem ainda não vendesse o paletó!
- Gustavo** — Que homem?
- João** — O homem do “Pobre Jacques”.
- Gustavo** — Pode ser. Vamos lá.  
(*sai o criado; entra a velha surda*)
- Velha** — Ele não está!
- Gustavo** — Mas e o paletó?

**Velha** — *(não escuta)* O quê?  
**Gustavo** — Um paletó...  
**Velha** — Um paletó?  
**Gustavo** — Sim... há coisa de três semanas...  
**Velha** — Seis semanas?  
**Gustavo** — Três... três semanas!  
**Velha** — Ah... três semanas... *(pensa)*... um paletó... três semanas... um paletó... Tinha gola de veludo?  
**Gustavo** — *(animado)* Isso!!!  
**Velha** — Não sei!  
**Gustavo** — Não sabe?  
**Velha** — Acho que vendi...  
**Gustavo** — *(ansioso)* A quem? *(a velha olha desconfiada e faz que não com a cabeça)* Julgo necessário explicar que não procuro carteira nenhuma, mas uma lembrança de namorada.  
**Velha** — Namorada???  
**Gustavo** — É!  
**Velha** — Namorada!!!  
**Gustavo** — Lembrança de namorada...  
**Velha** — Seja lá o que for, eu não tenho nada com isso... Agora me lembro a quem vendi o paletó: foi ao João Gomes.  
**Gustavo** — Que João Gomes?  
**Velha** — Não conhece o João Gomes?  
**Gustavo** — Não!!!

**Velha** — Não conhece? O João Gomes?  
**Gustavo** — Não... eu...  
**Velha** — É o dono da casa de pasto que fica ali, quase no fim da rua.  
*(a velha sai, explicando o caminho; entra a Dona Creuza)*  
**Gustavo** — Sr. João Gomes...  
**Creuza** — Não, Dona Creuza!  
**Gustavo** — Sim... O senhor João Gomes...  
**Creuza** — Não!  
**Gustavo** — O quê?  
**Creuza** — Ele não está, não senhor!  
**Gustavo** — Venho tratar de um assunto muito importante.  
**Creuza** — Sei... sim, senhor...  
**Gustavo** — Muito importante!  
**Creuza** — Ah... mas ele não está!  
**Gustavo** — Talvez a senhora possa me ajudar.  
**Creuza** — Não posso, não senhor.  
**Gustavo** — Não comprou o senhor João Gomes, um paletó em casa do “Pobre Jacques”?  
**Creuza** — *(assustada)* Não, senhor... um paletó? Não sei, não senhor.  
**Gustavo** — Não se trata de nada que seja grave para ele, nem para ninguém, exceto para mim!  
**Creuza** — Um paletó... de gola de veludo?... Não sei, não senhor...

- Gustavo** — No paletó provavelmente estava uma fita azul...
- Creuza** — Uma fita azul, diz o senhor?
- Gustavo** — Sim...
- Creuza** — Estava na algibeira do paletó?
- Gustavo** — Isso!!!
- Creuza** — Tinha dois nomes bordados... obra muito fina...
- Gustavo** — Sim, senhora! E então?
- Creuza** — Então?... Eu vi essa fita há alguns dias. Tive ela comigo, até que um dia... mostrei-a a um freguês...
- Gustavo** — Que mais???
- Creuza** — Creio que era o procurador Alvarenga. Mostrei-a, gostou muito...
- Gustavo** — E a senhora?
- Creuza** — Eu também gostei muito!
- Gustavo** — Não!!! O que a senhora fez?
- Creuza** — Eu não precisava daquilo e dei-a.
- Gustavo** — Ah... não...
- Creuza** — Dei sim!!! (*Gustavo entra em pânico; ela fica com pena*) O procurador Alvarenga mora na Rua Sacramento... e ele guarda a fita por curiosidade. Se o senhor lhe contar o que há, estou certa de que lhe entrega a fita.
- Gustavo** — (*esperançoso*) Sim?...  
(*entra o procurador*)

- Creuza** — Ó, senhor Alvarenga! Foi a providência que trouxe o senhor. Lembra a fita azul que o senhor levou?
- Alvarenga** — Tinha dois nomes bordados? Obra muito fina!
- Creuza** — Muito fina! O senhor está com ela?
- Alvarenga** — Estava!
- Gustavo** — Que houve?
- Alvarenga** — Dei a fita à filha do desembargador com quem trabalho.  
(*Gustavo perde as esperanças*)
- Gustavo** — Inferno! Essa esquiva fita nunca mais me tornará às mãos? Desculpem! Não de admirar-se da insistência com que procuro esta fita, mas... dela depende a minha felicidade!
- Alvarenga** — Vou falar com o desembargador. Talvez eu a consiga de volta!
- Gustavo** — Não sei o que fazer para agradecer...
- Alvarenga** — Acalme-se, meu rapaz. Eu vou ter com ele. (*sai*)
- Creuza** — Ele é pessoa muito boa! Com licença, senhor. (*saindo*) Espero, sinceramente, que recupere a fita, senhor!
- Gustavo** — Obrigado! (*ele sai*) Cruelíssimo é esse dia para um mísero namorado. Daria tudo o que tenho por esse pedaço de fita. Ah... a tarde custa a passar! Esse procurador que não chega! Mas... e se ele nada trou-

xer... atiro-me do segundo andar à rua!  
Senhor. Alvarenga!!! Entre... e então?

**Alvarenga** — Eu tinha dado a fita à filha do desem-  
bargador, uma menina de 10 anos. Eu lhe  
conto a maneira como isso aconteceu.

**Gustavo** — Não precisa!

**Alvarenga** — Eu gosto muito dela e ela de mim. A me-  
nina Cecília é um anjo. Eu a vi nascer.  
Imagine que tem os cabelos louros...

**Gustavo** — (*sem saber o que dizer*) Ah...

**Alvarenga** — No dia em que me foi dada a fita, nesse  
dia, antes de ir pra casa, fui à casa do de-  
sembargador...

**Gustavo** — (*à parte*) Ele quer fazer-me morrer de  
aflição?

**Alvarenga** — Ela estava brincando comigo e viu a fita. —  
Que bonita fita!, disse ela e pediu-me que  
a desse. Que faria o senhor no meu caso?

**Gustavo** — Dava!

**Alvarenga** — Foi o que fiz. Se visse como ficou alegre...  
Já não me lembrava mais da fita... e o  
senhor sabe como as crianças são endia-  
bradas...

**Gustavo** — Está rasgada?

**Alvarenga** — Parece que não! Quando lá cheguei, per-  
guntei pela fita à senhora do desembar-  
gador.

**Gustavo** — E então?

**Alvarenga** — Ela não sabia da fita. Chamou a menina e  
esta confessou que uma prima lhe tirou a



- fita, no dia em que a dei. A menina chorou muito, mas a prima deu-lhe uma boneca.
- Gustavo** — De que maneira, agora, iria procurar com essa prima o objeto?
- Alvarenga** — A senhora do desembargador ficou penalizada com a história, que prometeu fazer alguma coisa!
- Gustavo** — E então???
- Alvarenga** — Nada!
- Gustavo** — Nada???
- Alvarenga** — A sobrinha do desembargador tem a fita e declara que não a dá!
- Gustavo** — Mas isso é impossível!!!
- Alvarenga** — Também eu disse isso, mas depois refleti que não há outro recurso senão contentar-mo-nos com a resposta. (*saindo*) O que poderíamos nós fazer? (*sa*)
- Gustavo** — Nada... nada! Tanto trabalho para tão triste fim! O casamento está perdido. Eu não poderia resistir à recusa de Mariana senão matando-me. Caso-me com a morte! Mariana... (*ela entra*) Mariana???
- Mariana** — Por onde andou?
- Gustavo** — Estive muito ocupado, e por isso... como tem passado?
- Mariana** — Assim... assim...  
(*os dois ficam em silêncio*)
- Gustavo** — Não lhe trago a fita.
- Mariana** — Ah... (*silêncio*)

- Gustavo** — Marianinha, por que é, perdoe-me... (*ele tem uma idéia*) Falemos franco. Eu tenho a fita comigo.
- Mariana** — Sim? Deixe ver.
- Gustavo** — Não está aqui, mas posso afirmar-lhe que a tenho. Todavia quero ter o prazer de impor uma condição...
- Mariana** — Impor?
- Gustavo** — Pedir! Mostrar-lhe-ei a fita, depois que estivermos casados. (*ele sorri*) Não acredita?
- Mariana** — Acredito. E tanto que aceito a condição.
- Gustavo** — Ah... (*aliviado*)
- Mariana** — Com certeza de que não há de cumprir.
- Gustavo** — Juro...
- Mariana** — Não jure! (*ela pega a fita*) A fita está aqui! (*ele quase cai de susto*)
- Gustavo** — Mas essa fita...
- Mariana** — A sobrinha do desembargador é minha amiga, sabia do nosso namoro e eu mostrei a ela, a obra que fazia para dar ao meu namorado. De maneira que, quando uma fita azul lhe caiu nas mãos, suspeitou que era a mesma e obteve-a para devolver-me.
- Gustavo** — (*envergonhado*) Fui apanhado em flagrante delito e desmentido do mais formidável modo. Adeus... (*ele vai saindo*)
- Mariana** — (*no último instante*) Gustavo!
- Gustavo** — Sim... (*sem esperanças*)

**Mariana** — Perdôo-lhe tudo!  
**Gustavo** — Mariana!!! (*eles se abraçam*)  
**Mariana** — Posso pedir-lhe uma coisa?  
**Gustavo** — O que você quiser, minha querida!!!  
**Mariana** — Tome... guarde a fita!  
*(ele pega a fita, beija e guarda; Mariana sai correndo e rindo)*  
**Gustavo** — Mariana!!!  
*(sai atrás dela)*

**FIM**





### *A SEGUNDA VIDA*

“A segunda vida” foi publicado no livro *Histórias sem data* em 1884. Este é o mais filosófico dos contos escolhidos. Na adaptação, procurou-se mostrar o lado cômico de uma história dramática, vivida por um padre, que recebe a visita de um louco com uma absurda história de vida.



## A SEGUNDA VIDA

**Personagens:**

**José Maria (louco)**

**Padre**

**Joana**

**Comandante**

*(O padre está arrumando as suas coisas, quando entra Joana)*

**Joana** — Seu padre... seu padre... tem um moço aí querendo falar com o senhor... Ele disse que é “um negócio grave e urgente”!

**Padre** — Mande-o entrar.  
*(ela sai, em seguida entra um rapaz)*

**José Maria**— Com sua licença...

**Padre** — Pois não!

**José Maria**— Será que vossa reverendíssima disporia de alguns minutos para me ouvir?

**Padre** — Está claro que sim! Entre, por favor, sente-se.  
*(os dois sentam)*

**José Maria**— Obrigado! Bem padre... ouça a minha história: eu morri no dia 20 de março de 1860, às 5 horas e 42 minutos. Tinha então 68 anos. Minha alma voou pelo espaço até perder a Terra de vista e logo não havia mais nada, só um pontinho mais luminoso ao longe. O pontinho cresceu mais e mais: era o Sol. Fui por ali dentro,

sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

**Padre** — Não senhor!

**José Maria**— São incombustíveis!!!

**Padre** — O senhor me dá licença? É só um minutinho...

**José Maria**— Esteja à vontade.

**Padre** — (*chama baixinho*) Joana! (*ela entra*) Vai até a estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante. Pede-lhe que venha cá para livrar-me desse sujeito doido. Anda, vá depressa!!!

**Joana** — Sim, senhor... Um louco? Ai, meu Deus do céu!!! (*ela sai correndo*)

**Padre** — Pronto, podemos continuar!!!

**José Maria**— Como ia dizendo, fui subindo, subindo, até que um enxame de almas me levou, em festa, ao novo sol. Ah!... poeta que fosse, não poderia, usando a linguagem humana, transmitir-lhe a minha emoção da grandeza, da felicidade, das melodias... só vendo! Um dia o senhor verá!

**Padre** — É... (*à parte*) Espero que não seja hoje...

**José Maria**— Como eu completava mais um milheiro de almas, tinha o privilégio de tornar à Terra e cumprir uma nova vida. Agradei recusando... mas não havia como recusar. Era uma lei eterna. Que fazer? Que faria vossa reverendíssima no meu lugar?



**Padre** — Não posso saber. Depende...

**José Maria**— Tem razão! Depende das circunstâncias, e veja, as minhas... Fui vítima da inexperiência e tive uma velhice ruim, por essa razão. Assim, declarei que aceitaria voltar com a condição de nascer experiente. Não imagina o riso universal com que me ouviram. Mas teimei e venci! Escorreguei no espaço e, depois de nove meses, renasci, em 5 de janeiro de 1861 e chamei-me José Maria. O senhor se chama Romualdo, não?

**Padre** — Romualdo Caldas.

**José Maria**— Muito prazer...

**Padre** — O prazer é meu.

**José Maria**— Bem... não lhe digo nada da minha nova meninice porque aí a experiência só teve uma forma instintiva: mamava pouco, chorava o menos que podia, para não apanhar. Comecei a andar tarde, por medo de cair e daí me ficou essa fraqueza nas pernas. Correr e rolar, trepar nas árvores, trocar murros, coisas tão úteis, nada disso fiz, por medo de contusão e sangue. Tive uma infância aborrecida e, comparando as cabeças quebradas da outra vida com o tédio dessa... antes as cabeças quebradas... Cresci, fiz-me rapaz. Vossa reverendíssima sabe o que é uma ceia de rapazes e mulheres?

**Padre** — Como quer que eu saiba?

**José Maria**— Espantei a todos quando me declarei pronto a ir à tal ceia. Eu, que fugia de tudo, dos sonos atrasados, dos sonos excessivos, de andar sozinho a horas mortas, fui à ceia. Comidas, vinhos, luzes, flores, os olhos das damas e um apetite de vinte anos. Mas não comi nada. A lembrança de três indigestões, quarenta anos antes, na primeira vida, fez-me recuar. Menti dizendo que estava indisposto e duas damas mostraram-se dispostas a curar-me. Elas fizeram de tudo, mas em vão. Saí de lá de manhã, apaixonado por ambas, sem nenhuma delas e caindo de fome. Que lhe parece?

**Padre** — Com efeito, eu...

**José Maria**— A minha segunda vida é uma mocidade expansiva e impetuosa freada pela experiência. Como lhe parece que vivo?

**Padre** — Sou pouco imaginoso. Suponho que vive assim... como um pássaro, batendo as asas e amarrado pelos pés.

**José Maria**— Pouco imaginoso? É isso mesmo! Um pássaro, um grande pássaro, batendo as asas e amarrado pelos pés... plás... plás... plás... *(bate as asas, no lugar, como se tivesse os pés amarrados – faz o padre imitá-lo)* Pra ver como é feliz a comparação, conto-lhe a aventura que me traz aqui: uma paixão, uma mulher, uma viúva: Dona Clemência. Tem 26 anos e uns olhos muito expressivos. Conhecemo-nos há um ano, na casa de um fazendeiro

e saímos de lá enamorados um do outro.  
E o senhor me pergunta: Por que não casamos?

*(ele fica esperando o padre perguntar)*

**Padre** — Por que não casamos? Oh... por que não casaram?

**José Maria**— É justamente essa a aventura: somos livres, gostamos um do outro e não nos casamos! Por quê?

**Padre** — Por quê?

**José Maria**— O porquê é vossa reverendíssima que vai me explicar!

**Padre** — Eu???

**José Maria**— Comecei a freqüentar a casa onde ela morava com o pai e o irmão. Olhos nos olhos... *(olha nos olhos do padre)*... apertos de mão... *(pega as mãos do padre)*... palavras soltas e estávamos amados e confessados. Uma noite, no patamar da escada, trocamos o primeiro beijo... *(o padre foge de perto dele)* Ah, padre... Eu saí dali tonto, com a imagem de Clemência na cabeça e o sabor do beijo na boca. Andei cerca de duas horas, planejando uma vida a dois. Cheguei em casa e comecei a pensar: o amor podia acabar depressa ou, pior, podia ficar o fastio. As índoles podiam ser incompatíveis... Mas enfim, a paixão era tão violenta, que desconsiderei tudo e vi-me casado, com uma linda criancinha nos braços... duas... seis... oito... dez... algumas aleijadas ou

cegas... e falta de dinheiro, penúria, doenças... considerei tudo e concluí que o melhor era não casar!

**Padre** — Mas... se...

**José Maria**— Não posso descrever o meu desespero (*ele se desespera*)... o que padeci essa noite! Deixei de ir à casa de Clemência e, depois de uma semana de cartas e lágrimas, não resisti... fui até lá! Contei-lhe tudo e ela se mostrou disposta a qualquer coisa para acabar com essas cismas. Então sabe o que lhe pedi?

**Padre** — Não imagino.

**José Maria**— Pedi a ela que rompesse com tudo e viesse morar comigo e, depois de um ano, casaríamos.

**Padre** — Oh, meu Deus!!! E ela?

**José Maria**— Os olhos dela encheram-se de lágrimas...

**Padre** — Com razão.

**José Maria**— Sentiu-se humilhada...

**Padre** — Está claro!

**José Maria**— Mas aceitou tudo!

**Padre** — Aceitou?

**José Maria**— Vamos, padre, confesse, eu sou um monstro!

**Padre** — Não... senhor...

**José Maria**— Como não??? Eu sou um monstro!

**Padre** — Pensando melhor... o senhor é um monstro!

**José Maria** — Ela veio para a minha casa. Não imagina o meu contentamento. Beijei-lhe os pés... os sapatos... (*tenta beijar o pé do padre*) Mas...

**Padre** — Sim?

**José Maria** — No dia seguinte recebi a notícia da morte de um tio que havia me deixado uma herança. Fiquei fulminado!

**Padre** — Por receber uma herança?

**José Maria** — (*ele segura e chacoalha o padre*) Clemência... Você veio por que sabia da herança?

**Padre** — Não!!!

**José Maria** — (*solta o padre*) Desta vez ela não chorou, pegou as coisas e saiu. Envergonhado, fui atrás dela... (*pega o padre*) Perdoe-me, Clemência, perdoe-me!!! (*de joelhos*)

**Padre** — Sim!!!

**José Maria** — (*levanta*) Não!!! Ela não cedia. Aí declarei que me mataria, e comprei um revólver. É esse! (*pega o revólver – o padre quase morre de susto*) Cheguei a dar um tiro! (*dá um tiro*) Ih... desculpe-me!

**Padre** — (*quase desmaiado*) Não... não tem problema...

**José Maria** — Ela, assustada, desarmou-me... (*o padre pega a arma*) e perdoou-me... (*o padre abençoa*) Doe a herança à Biblioteca Nacional e três semanas depois nos casamos.

**Padre** — Graças a Deus!

**José Maria** — Vejo que vossa reverendíssima respira como quem chegou ao fim... mas NÃO!

**Padre** — Não???

**José Maria** — Agora é que chegamos ao trágico!

**Padre** — Ah... não!!!

**José Maria** — Vou abreviar as particularidades. Lembra-se do pássaro? Plás... plás... (voa)

**Padre** — Sim, claro!

**José Maria** — Cada vez mais me sinto assim. Vivo de sustos, desgostos e desconfianças. Não consigo mais comer um figo às dentadas. O receio de encontrar um bicho diminui-lhe o sabor. Não acredito na cara alegre das pessoas, acho que elas dissimulam ódios, tristezas, desejos. Vivo a temer um filho cego ou tuberculoso ou assassino. Vivo em constante terror. Até agora não lucrei nada com a minha “experiência”, ao contrário, até perdi, porque fui levado ao sangue!

**Padre** — San... gue?

**José Maria** — Vou lhe contar. Ontem deitei-me cedo e sabe com quem sonhei?

**Padre** — Não atino...

**José Maria** — Com o diabo. Ele lia-me o Evangelho e, quando falou sobre Salomão e os lírios do campo, ele colheu alguns e me deu. “Toma José... (*entrega os lírios imaginários ao padre*) Sabe o que são esses lírios do campo? São teus vinte anos!” Olhei-os encantado, eram lindos. E ele

me disse que os cheirasse. Quando eu cheguei os lírios perto do nariz, vi sair de dentro um réptil fedorento e torpe. Dei um grito e joguei longe as flores e então o Diabo deu uma formidável garga-lhada assim: cá, cá, cá, cá... Assim era a gargalhada do Diabo: cá, cá, cá... (*ri e faz o padre rir também; pára de repente de rir e o padre pára também*)

- José Maria** — Assim que abri os olhos vi Clemência, aflita, diante de mim. (*ele olha o padre*). Seus olhos eram doces, mas os olhos doces também fazem mal. E ela começou a recuar... (*o padre recua*) Ela quis sair... (*o padre vai saindo de fininho*)... e eu disse: não vá!!!
- Padre** — Eu não vou... (*o padre volta, apavorado*)
- José Maria** — Volte!
- Padre** — Já voltei!!!
- José Maria** — Ela se ajoelhou, apavorada (*o padre ajoelha*)... e eu gritava: Tu não me fugirás, miserável, tu não me esca-parás!!! (*ele chacoalha o padre*)  
(*entra o comandante com dois guardas*)
- Comandante** — Padre!!! Peguem-no!!!  
(*eles pegam o louco*)
- José Maria** — É o Diabo... o Diabo!
- Comandante** — O senhor está bem, monsenhor?

- Padre** — Acho que sim! Obrigado...
- Comandante** — Pois não é que esse louco me dá um trabalhão! É o Diabo... Oh, perdão... Ele foge constantemente da Casa Verde, e sou sempre eu que tenho que capturá-lo... *(os guardas se distraem e o louco foge)* É só a gente se distrair e ele... ele FUGIU!!! *(saem os três atrás do louco)*
- Guardas** — Peguem o louco! Peguem o louco!!!  
*(o padre senta, aliviado)*
- Padre** — Graças a Deus!!! Foi por pouco...  
*(entra Joana)*
- Joana** — Seu padre...  
*(ele pula de susto e ela se assusta também)*
- Padre** — Joana!!! Vai me matar de susto...
- Joana** — É que tem um rapaz aí, querendo falar com o senhor... ele disse que é negócio grave e urgente...
- Padre** — Diga que eu não estou!  
*(ele sai rapidinho – ela sai atrás)*
- Joana** — Seu padre... seu padre...

**FIM**





### O RELÓGIO DE OURO

“O relógio de ouro” foi publicado no livro *Histórias da meia-noite* em 1873.

Como Machado e Assis descreve com detalhe e precisão toda a cena, e todas as atitudes e reações dos personagens, e para que isso não se perdesse na adaptação para o teatro, foi criado um narrador (que não existe no original) para cumprir essa função. A história se passa numa sala de visitas.



## O RELÓGIO DE OURO

### **Personagens:**

**Clarinha**

**Luís**

**Meireles**

**Narrador**

*(entra o narrador)*

**Narrador** — Sob o patrocínio exclusivo do sabão Limpinho, o sabão que lava mais branquinho, a rádio Danúbio, neste cair de tarde, orgulhosamente apresenta: “Contos Românticos”. Um programa dedicado a você, querida ouvinte, hoje com a história: “O relógio de ouro”.

Clarinha, moça bonita, ainda que um tanto pálida, ou por isso mesmo, está lendo distraidamente, quando entra Luís Negreiros, seu marido.

**Luís** — Querida, cheguei!

**Narrador** — Ela não corresponde ao beijo do marido.

**Luís** — Hoje estive na casa do desembargador...  
*(ela sai)* Clarinha?!!

**Narrador** — Ele olha uns papéis que acabou de trazer, quando vê um relógio de ouro em cima da mesa. Um grande cronômetro, inteiramente novo. Um relógio que não era dele. Ele o examina.

**Luís** — Não é de pessoa conhecida minha.

**Narrador** — Diz ele boquiaberto.

**Luís** — Mas o que é isso? Uma charada?

- Narrador** — Ele anda de um lado para o outro. Gostava de charadas, mas as das folhinhas ou dos jornais. Ele pega o relógio, se atira sobre uma cadeira e puxa raivosamente os cabelos. Ele bate os pés no chão e põe o relógio em cima da mesa. Terminada essa primeira manifestação de furor, ele examina novamente o relógio.
- Luís** — Sem uma explicação da Clarinha, todo esse meu procedimento é precipitado.
- Narrador** — Ele se recompõe... e chama!
- Luís** — Clarinha!
- Narrador** — Ela entra com ar indiferente e tranqüilo. Ele mostra o relógio.
- Luís** — O que é isso?
- Narrador** — Ele está nervoso.
- Luís** — O que é isso???
- Narrador** — Ela morde os beiços e não responde. Ele põe o relógio na mesa.
- Luís** — Vamos... de quem é aquele relógio?
- Narrador** — Ela olha pra ele, abaixa os olhos e faz o gesto de que não sabe. Ele tenta se controlar. Ela vai até a mesa, pega o relógio e examina. Ele vai até ela, faz que vai esganá-la, mas a segura pelos pulsos.
- Luís** — Responda-me, demônio! Explique-me esse enigma!
- Narrador** — Ela faz uma cara de dor e ele, arrependido, solta-lhe os pulsos. Ela sai chorando e ele anda de um lado pro outro, tentando se acalmar.
- Luís** — Clarinha, venha cá!

- Narrador** — Ela entra, ainda chorando. Ele puxa uma cadeira para ela se sentar e senta-se em frente.
- Luís** — Estou tranqüilo, como você pode ver. Responda-me ao que perguntei com a franqueza que sempre usou comigo. Eu não a acuso, nem suspeito de você. Quero simplesmente saber como foi parar ali aquele relógio. Foi seu pai que o esqueceu cá?
- Narrador** — Clarinha nega com a cabeça.
- Luís** — Mas então...
- Narrador** — Ela chora e ele urra.
- Luís** — É demais!!!
- Narrador** — Ele está agitado, querendo se atirar sobre ela. Ela fixa o olhar num ponto, sem gesto nenhum.
- Luís** — Escuta, eu...
- Narrador** — Meireles, o sogro, sobe as escadas gritando.
- Meireles** — (*de fora*) Ó, Luís, seu malandrim...
- Luís** — Aí vem seu pai, mas logo me pagará...
- Narrador** — Ela sai chorando. Meireles, um homem alegre, de quem Luís gostava muito, entra animado.
- Meireles** — Luís...
- Luís** — Seu Meireles... Fez boa viagem?
- Meireles** — A estrada estava que era puro pó... Onde está a minha filha? Eu tenho uma novidade... Luís, lembra da mimosa?
- Luís** — Mimososa?
- Meireles** — A vaca!

**Luís** — Ah... a vaquinha da Clarinha?

**Meireles** — Está prenha... A Clarinha vai ficar tão feliz! Elas foram criadas praticamente juntas. Onde ia a Clarinha, ia a Mimosa, e onde ia a Mimosa, ia também a Clarinha... Mas... Luís, que cara é essa? Vocês estavam dormindo?

**Luís** — Não senhor, estávamos conversando...

**Meireles** — Conversando? Estavam é de arrufos... é o que há de ser.

**Luís** — Vamos justamente jantar. Janta conosco?

**Meireles** — Hoje não. Janto amanhã. Não me convidaram, mas é o mesmo.

**Luís** — Não o convidamos?

**Meireles** — Você faz anos amanhã!

**Luís** — Ah, é verdade...

**Narrador** — Diz ele em tom lúgubre.

**Luís** — É verdade!!!

**Narrador** — Diz ele descomunalmente alegre. O sogro olha espantado.

**Meireles** — Está maluco! (*vê Dona Leocádia*) Dona Leocádia... como está? (*ele sai*)

**Narrador** — Clarinha entra com os olhos ainda úmidos.

**Luís** — Obrigado!

**Narrador** — Ela olha admirada.

**Luís** — Obrigado! Obrigado e perdoe-me!

**Narrador** — Ele tenta abraçá-la e ela, indignada, não deixa. Tenta lhe fazer um carinho, e ela com um gesto nobre, o repele.

**Luís** — Tem razão! Mas...

**Meireles** — (*entrando*) Clarinha... minha filha... Eu tenho uma baita novidade. Clarinha... a Mimosa está prenha!

**Narrador** — Ela suspira.

**Meireles** — Clarinha, eu não entendo. Seu marido está alegre e você me parece abatida e preocupada. Que foi? Conta pro papai!

**Narrador** — Ela suspira novamente.

**Meireles** — Ah... vocês lá se entendam. Se amanhã, apesar de ser o dia que é, vocês estiverem do mesmo modo, prometo-lhes que nem a sombra me verão.

**Luís** — Oh... há de vir...

**Narrador** — Clarinha desata a chorar.

**Meireles** — Vocês lá se entendam ou nem a sombra me verão...

**Narrador** — Ele sai contrariado. Luís o acompanha. Clarinha fica choramingando.

**Luís** — *(de fora)* Até amanhã!

**Narrador** — Assim que ele entra ela ameaça sair.

**Luís** — Clarinha, perdoe-me.

**Narrador** — Ela chora.

**Luís** — Já tenho a explicação do relógio. Se seu pai não me fala em vir jantar amanhã, eu não era capaz de adivinhar que o relógio era um presente de anos que você me fazia!

**Narrador** — Ela olha para ele indignada e chora. Ele a olha sem entender nada.

**Luís** — Mas que enigma é esse? Se não é um mimo de anos, que explicação pode ter o tal relógio?

**Narrador** — Ele anda e ela chora. *(pausa)* Ela chora e ele anda.

**Luís** — Clarinha, esse momento é solene. Responda ao que pergunto desde essa tarde!

**Narrador** — Ela faz que não com a cabeça.

**Luís** — Reflita bem, Clarinha. Está em risco a sua vida.

**Narrador** — Ela dá de ombros e ele a pega pelo pescoço.

**Luís** — Responda demônio ou eu mato você!

**Narrador** — Ela grita.

**Clarinha** — Espera! Mate-me, mas leia isso primeiro. Quando essa carta foi ao seu escritório já não o encontrou lá, foi o que o portador me disse.  
*(ela estende a carta – ele pega e lê)*

**Luís** — Meu Nhonhô...

**Clarinha** — Nhonhô!

**Luís** — Sei que faz anos amanhã...

**Clarinha** — ... manhã ...

**Luís** — Mando essa pequena lembrança...

**Clarinha** — ... branca ...

**Luís** — ... sua ... Miloca...

**Clarinha** — MILOCA!!!... *(ela sai correndo)*

**Luís** — *(saindo atrás)* Clarinha... espere...

**Narrador** — E essa foi a história do “O relógio de ouro” e não percam amanhã, neste mesmo horário, mais um: “Contos Românticos”. Boa noite!  
*(ele sai)*

**FIM**